
Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho

Quitéria, a Lusitanian saint from the lands between the Douro and the Minho

Luís Alberto Casimiro



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/352>

DOI: 10.4000/cultura.352

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM — Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2010

Paginação: 143-162

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Luís Alberto Casimiro, « Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho », *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010, posto online no dia 07 agosto 2013, consultado a 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/352> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.352>

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho

Luís Alberto Casimiro*

Introdução

O intuito de abordar a figura de Santa Quitéria está no nosso horizonte avivar a memória de uma jovem mártir que, embora não se encontre entre as personalidades mais destacadas e mais populares da hagiologia lusitana e, nos tempos modernos, tenha caído quase no esquecimento, é objecto de um culto popular que permanece vivo em certas localidades e de expressões iconográficas que importa conhecer e preservar. Sendo considerada, com toda a segurança, uma jovem donzela que se consagrou a Deus e que, recusando-se a contrair matrimónio, foi martirizada pelo próprio pretendente, verifica-se que a sua vida se encontra repleta de aspectos lendários que se multiplicam e diferem de país para país. De salientar que o actual *Martirologium Romanum* (2004) a situa no dia 22 de Maio, tal como indica a tradição mais remota, mas não a reconhece como mártir, pois refere apenas: *In pago Aturénsi in Aquitânia, sanctae Quitériae, virginis*¹. Porém, tal não acontece no *Martyrologio Romano* de 1748, nem no de 1591, onde se pode ler, na tradução portuguesa: “Em Hespanha, de Santa Quitéria Virgem, e Martyr”². Também nas recensões antigas se conserva a sua condição de mártir.

Neste contexto, importa, pois, recordar algumas das facetas mais marcantes da sua biografia, ao mesmo tempo que apresentamos alguns registos iconográficos que a ilustram. Assim, começamos por falar da vida de Santa Quitéria, principalmente no que diz respeito à tradição portuguesa, referindo pormenores que permitem esclarecer e contextualizar detalhes do seu martírio. Prosseguiremos com breves referências relativas ao culto e, por fim, percorreremos, com mais detalhe, os caminhos das expressões iconográficas, cen-

* Faculdade de Letras/Universidade do Porto.

¹ Cf. *MARTYROLOGIUM ROMANUM. Ex decreto sacrosancti oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgatum*. Editio Altera. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004, p. 297.

² Cf., respectivamente, *MARTYROLOGIO ROMANO dado à luz por mandado do Papa Gregório XIII. E novamente acrescentado por autoridade do Papa Clemente X*. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1748, p. 125 e, *MARTYROLOGIO ROMANO acomodado a todos os dias do anno conforme à nova ordem do calendario, que se reformou por mandado do papa Gregório XIII*. Coimbra: Casa de António Maris, Impressor da Universidade, 1591, p. 102.

trando-nos essencialmente no Santuário de Santa Quitéria, em Felgueiras, o qual pretendemos destacar.

Santa Quitéria é reivindicada por outros países, como a França e a Espanha, mas também o povo crente de Portugal assume, para si, o direito de contar a história desta santa que surge, de forma abreviada, em 1666, no *Agiológio Lusitano* de Jorge Cardoso e, em 1722, na biografia de Frei Bento da Ascensão. Ambos situam o nascimento e o martírio de Santa Quitéria em terras lusitanas.

Segundo a *Bibliotheca Sanctorum*³, apenas no século VII se começou a atribuir-lhe a intercessão em certos milagres, sendo o seu martírio referido, pela primeira vez, apenas no século XII, no Martirológio de São Severo. Por sua vez, o *Martirologium Romanum* dos finais do século XVI apresenta Santa Quitéria como uma santa mártir de Espanha, enquanto o actual *Martirologium Romanum* a situa em Aquitânia (região da França limitada pela Espanha e pelo oceano Atlântico). Apesar de escassos, os aspectos conhecidos, ainda que possam ter fundamentos lendários, mostraram-se suficientes para que a sua iconografia, se tenha desenvolvido e implantado, motivo pelo qual merece ser conhecida.

Apontamentos biográficos

Na versão francesa sobre a vida de Santa Quitéria, esta surge no século V, época atribuída dos finais do Império Romano, vivendo em Landes, região da Aquitânia, lugar relacionado com as peregrinações a Santiago de Compostela. Jovem de linhagem influente, desde cedo consagrara a sua virgindade a Cristo e, como se negava a casar, o seu pai acabou por a decapitar, tendo surgido uma fonte no local do martírio. Outras versões referem que o seu martírio ocorreu em 22 de Maio de 478, a mando de Euric, rei dos Godos, pelo facto de professar o catolicismo. Naquela época, os Godos controlavam uma grande parte da Península Ibérica a partir da povoação de Aire-sur-l'Adour, um importante centro e palco do martírio de Santa Quitéria. Reza a lenda que após ter sido decapitada a jovem recolheu a sua própria cabeça e, guiada por um anjo, encaminhou-se para a igreja cujas portas estavam fechadas. Porém, ao aproximar-se, abriram-se de par em par. Desceu então as escadas que conduziam à cripta e, depois de se acomodar no sarcófago previamente preparado para sua sepultura, «acabou de morrer»⁴. O sarcófago que se encontra na cripta da igreja, junto ao local da fonte surgida milagrosamente, é um testemunho eloquente da arte do século V.

³ ENCICLOPÉDIA DEI SANTI. *Bibliotheca Sanctorum*. III Ristampa. Roma: Città Nuova Editrice 1998, vol. X, pp. 1334-1335.

⁴ Cf. RÉAU, Louis – Iconografia del arte cristiano. Iconografía de los santos. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000, tomo 2, vol. 5, p. 113.

Outra lenda, mais comum em Espanha, situa os acontecimentos na antiga região de Balcagia, a actual Bayona, na costa galega, sede de Lúcio Caio Atílio Severo, régulo da Galiza e de Portugal. Nela se afirma que, no século II, durante a perseguição feita aos cristãos, as nove irmãs, filhas de Lúcio Severo, e nascidas de um só parto, sem que o governador dissesse conhecimento, tinham consagrado a sua virgindade a Deus. Denunciadas pelos pagãos e levadas à presença do governador, este procurou, sob ameaça de suplícios, persuadi-las para que negassem a sua fé. Impressionado pela firmeza e convicção das jovens e reparando numa estranha parecença com Cálcia Lúcia, sua esposa, mandou chamá-la a qual as reconheceu como as filhas que tinha abandonado à nascença, e às quais procurara dar a morte. No seu coração de pai teve, então, lugar uma luta entre o amor paterno e a autoridade de juiz, pelo que redobrou de empenho em tentar convencê-las a adorar os deuses romanos. Tudo foi em vão. Enfurecido, o pai renovou as ameaças e deu-lhes um dia de prazo para se decidirem. As irmãs, para evitarem que o seu próprio pai praticasse tão grande crime, fugiram da cidade tomando caminhos diferentes.

A jovem Quitéria retirou-se para a solidão de um monte, onde viveu em oração durante algum tempo, até que um anjo do Senhor lhe disse para regressar à casa paterna. Regressando a Bayona, entrou no palácio do pai que a recebeu com admiração e alegria, voltando a persuadi-la para que se casasse com Germano, um jovem rico e nobre. A esta proposta Quitéria respondeu que não se iria entregar a nenhum esposo na terra porque o seu esposo era Jesus Cristo, o rei do Universo, ao qual amava de todo o coração e que Ele tanto a amava também que tinha dado a sua vida por ela. O pai comunicou a Germano esta decisão de sua filha e deu-lhe indicações para que lhe cortasse a cabeça vingando-se de tal ofensa. Quitéria, porém, conseguiu escapar fugindo durante a noite. Por indicação de um anjo, seguiu em direcção aos montes de Toledo, local onde o mesmo anjo lhe indicara que iria receber a palma do martírio. Todavia, Germano também conseguiu chegar até àquelas terras. Sabendo-se perseguida, Quitéria escondeu-se no tronco oco de uma árvore, tendo previamente pedido a um pastor das redondezas que, caso perguntassem por ela, não a denunciasse. Quando Germano chegou, inquiriu o pastor, que lhe afirmou que não tinha visto ninguém, ao mesmo tempo que, com o dedo, apontava para o refúgio de Santa Quitéria. Uma vez descoberta e retirada do seu refúgio, ordenou que lhe fosse cortada a cabeça. A jovem ajoelhou-se, pronta para receber o martírio, e orou a Deus para que recebesse a sua alma e livrasse de todas as enfermidades aqueles que a Ele recorressem por seu intermédio. A esta oração, uma voz no Céu lhe respondeu dizendo que tal desejo lhe fora concedido, na glória de Deus, como ela o tinha pedido no seu martírio.

Reza ainda a lenda que, por sua intercessão, se realizaram muitos milagres, a começar pelo pastor que a denunciou, dado que os seus cães, depois de Santa Quitéria ter sido

encontrada, ficaram raivosos e lhe causaram muitas feridas com as suas mordeduras. O pastor ferido ajoelhou-se diante da jovem prestes a ser martirizada, a qual lhe perdoou mandando que fosse lavar as feridas com a água da fonte que Santa Quitéria fez brotar. Por isso, é invocada como advogada contra a raiva, motivo que explica, na iconografia de Santa Quitéria, a presença de um ou mais cães como atributo.

Queremos, porém, centrar a nossa atenção nos relatos da vida de Santa Quitéria que a situam em terras lusitanas e que apresentam, na sua estrutura geral, muitas semelhanças com as restantes hagiologias, embora com pequenas variantes que influenciam a sua iconografia.

Depois do *Agiológio Lusitano*, de Jorge Cardoso, encontramos indicações biográficas sobre Santa Quitéria no livro que Frei Bento da Ascensão publicou, em 1722, intitulado *Vida, e martyrio da insigne virgem, e martyr prodigiosa Santa Quitéria, sereníssima Infante de Portugal, no Monte de Pombeyro*, o qual continua a ser uma das fontes mais importantes para o conhecimento da vida da jovem mártir. Segundo aquele monge beneditino, Santa Quitéria teria nascido, pelo ano 120, na região do Império Romano conhecida, então, como Bracara-Augusta, a actual cidade de Braga. Seu pai, Lúcio Caio Atílio Severo, era régulo de uma província do Império Romano que abrangia parte da Galiza e da antiga Lusitânia. Estava casado com Cálcia Lúcia. Sendo ambos de famílias ilustres, embora pagãs, estiveram muitos anos sem terem descendência até que Cálcia Lúcia concebeu nove meninas que nasceram de um só parto, numa ocasião em que o marido se encontrava ausente acompanhando o imperador Adriano que viajava pela Península.

Cálcia, que considerou agorento o nascimento de nove filhas, com o intuito de se subtrair às troças do mundo e a uma eventual indignação ou suspeições do marido sobre qualquer infidelidade, congeminou um plano para matar as filhas, mandando-as afogar no rio. Encarregou de concretizar este plano Cita, jovem donzela, devota e cristã oculta, que tinha sido a única pessoa a assistir ao parto. Foram-lhe dadas indicações para que divulgasse a notícia de que o parto tinha corrido mal e que as crianças tinham morrido à nascença. Todavia, Cita, movida por elevados sentimentos cristãos, levou as meninas de casa, como combinado, mas estava decidida não só a salvar a vida das nove irmãs, como também a dar-lhes a vida nova do Espírito, pelo sacramento do baptismo. Assim, em vez de atentar contra a sua vida, entregou-as a Santo Ovídio, arcebispo de Braga, que lhes administrou o baptismo e lhes atribuiu os seguintes nomes: Quitéria, Eufémia, Germana, Liberata (ou Librada), Vitória, Basília, Marinha, Genebra e Marciana.

Conhecendo a tragédia que pesava sobre as inocentes crianças, e que quase as vitiara, Santo Ovídio, depois do baptismo, entregou-as aos cuidados de diversas famílias cristãs, para que tomassem conta delas durante a infância, dando-lhes educação religiosa, encarregando-se o arcebispo de prover a todas as despesas. Refere Frei Bento da Ascensão

que a educação religiosa recebida pelas nove meninas, na infância, produziu nelas um tal domínio em seus corações que, durante a sua breve existência e até ao seu termo, sempre souberam pôr em prática as grandes virtudes e calcar aos pés as grandezas e vaidades do mundo a fim de glorificarem apenas a Jesus Cristo.

À medida que foram crescendo, as nove irmãs tomaram conhecimento do destino a que a mãe as tinha votado, entregando-as para morrerem, e o modo como foram salvas pela criada cristã. Sentindo-se particularmente agradecidas à Divina Providência, não só pelo facto de lhes ter salvo a vida do corpo, como por lhes ter dado uma vida nova pelo sacramento do Baptismo e terem crescido no conhecimento dos princípios da vida cristã, decidiram afastar-se do mundo e viver juntas, como num convento, para um maior aperfeiçoamento da sua vida de piedade, para servirem a Deus de modo mais perfeito e para crescerem na prática das virtudes pelo mútuo auxílio e exemplo de vida. Para concretizarem este seu projecto contactaram o generoso arcebispo, Santo Ovídio e dele obtiveram a necessária aprovação. O modo de vida que seguiram rapidamente as tornou conhecidas entre todos, pois o exemplo de vida cristã evidenciado no fervor, na caridade, na mútua obediência, no serviço e na alegria despertavam a admiração de quantos com elas contactavam.

Refere ainda Frei Bento da Ascensão um pormenor importante para compreendermos certas representações iconográficas de Santa Quitéria e que, por isso, passamos a transcrever:

Abrasadas estas santas meninas no fogo do amor divino, cada qual de per si, e umas na presença das outras, fizeram todas voto de castidade, consagrando a sua virginal pureza àquele soberano Senhor que as fizera nascer dum tão milagroso parto, e depois de nascidas as livrara da morte, que sua mãe lhes mandara dar, criando-as e sustentando-as até ali, com providência tão particular. Fechando pois os olhos ao mundo, e empregando-se só em seu divino esposo, Lhe sacrificaram as suas almas e juntamente com elas os seus corpos, vivendo, naquela tenra idade, estas esposas de Jesus Cristo, santas nos costumes, puras nos corpos, e abrasadas nas almas com as chamas da caridade e com o fogo do amor divino.⁵

Com esta passagem, queremos sublinhar o facto de Quitéria, tal como as irmãs, ter consagrado a sua virgindade a Cristo, seu divino esposo, facto que aparecerá bem destacado numa das capelas do percurso ao ar livre do santuário de Felgueiras, na qual o pergaminho que Santa Quitéria apresenta ao seu pretendente patenteia, precisamente, estes esponsais divinos: «Jesus é o meu esposo».

⁵ Citado a partir de LEITE, José, S. J. (org.) – *Santos de cada dia II*. 4.ª edição. Braga: Editorial A. O., 2003, p. 162.

Por ocasião de uma perseguição aos cristãos, levada a cabo pelo imperador Adriano (117-138) que alastrou a todo o império romano, também a região de Braga, onde viviam as nove irmãs, se tornou palco de prisões e martírio dos que professavam a fé cristã. Cumprindo ordens, Lúcio Caio Severo ordenou que fossem detidos todos os cristãos encontrados nos seus domínios. Sendo conhecidas como cristãs exemplares, as irmãs foram levadas à presença do governador. Este, sem saber que era seu pai, ficou deveras impressionado com a atitude das jovens e interrogou-as para saber quem eram, onde viviam, quem eram os seus familiares. Foi então que Germana, tomando a palavra, respondeu em nome de todas, com coragem e desassombro, que eram naturais de Braga, filhas do próprio governador e que adoravam Jesus Cristo, único e verdadeiro Deus, estando prontas a tudo sofrer por amor a Jesus e em defesa da sua fé. Verdadeiramente impressionado e surpreendido, Lúcio Severo quis ficar sozinho com as suas filhas, a esposa e Cita, a criada que tinha salvo a vida das irmãs. Ficou, então, a par dos pormenores que rodearam o nascimento das crianças e, nessa altura, manifestou todo o seu afecto por elas. Recordando-lhes a antiga nobreza da família; falou-lhes do seu futuro do qual faziam parte grandes casamentos com rapazes ricos e nobres sendo, necessário, primeiro, renunciarem à fé cristã.⁶

Ao ouvir a resposta negativa das filhas, o pai enfureceu-se e deixou-as a sós na sala do palácio onde se encontravam. Em oração invocaram do Céu a graça e a coragem de resistirem às propostas do pai que eram contrárias à vontade de Deus. Foi então que um anjo lhes apareceu e as avisou para saírem do palácio. Ao regressar à sala, Lúcio Severo ficou furioso por não as encontrar e mandou os soldados em sua perseguição. Todas se dispersaram por diversas regiões, sobretudo pela Espanha, e apenas Santa Quitéria foi presa e trazida à presença do governador.

Os diversos relatos são unânimes em referir que as oito irmãs de Santa Quitéria foram martirizadas. Resumimos o relato que apresenta Frei Bento da Ascensão:

Santa Marinha encaminhou-se para a Galiza onde ficou durante algum tempo ao serviço de uma lavradeira, perto de Orense. Denunciada como cristã, foi perseguida e martirizada mediante variados e horríveis suplícios que passaram pelo dilaceramento das suas carnes, por ser lançada num tanque de água do qual saiu milagrosamente viva, atirada para uma fornalha de enormes labaredas as quais se afastaram sem lhe terem causado qualquer dano. Por fim, quando contava apenas dezoito anos foi degolada em Águas Santas, perto da cidade de Orense, na Galiza. No local o rei Afonso, o Magno mandou erguer uma igreja.⁷

⁶ Cf. NUNES, Pinho Pe. – *Vida de Santa Quitéria*. [s.l.]: Edição da Casa da Confraria, [s.d.], p. 15.

⁷ Citado a partir de LEITE, José, S. J. (org.) – *Santos de cada dia II*, p. 164. Cf. NUNES, Pinho Pe. – *Vida de Santa Quitéria*, pp. 16-17.

Santa Vitória foi martirizada em Córdoba recebendo «tormentos esquisitos», de acordo com a expressão de Frei Bento da Ascensão, que passaram pelo fogo, pela roda de navilhas e, finalmente, por ser crivada de setas. Decorria o ano de 138 e Santa Vitória contava, apenas, dezasseis anos.⁸

Santa Genebra padeceu o martírio numa região da Galiza, onde hoje se situa a cidade de Tuy, contando dezasseis anos, embora não se conheçam pormenores do seu martírio.

Sobre Santa Marciana pouco se sabe, apenas que terá dado a sua vida em defesa do Evangelho na cidade de Toledo, com a idade de 35 anos.

Relativamente a Santa Germana, não são conhecidos pormenores quanto à data ou local em que entregou a sua vida a Deus, apenas se levanta a hipótese de que poderá ter sido martirizada em África ou em Águas Santas.

No que se refere a Santa Liberata, permanecem as mesmas incertezas que envolvem a vida das outras suas irmãs quanto à data e ao local da sua morte. São apresentados três lugares como possíveis locais onde foi martirizada, sofrendo o suplício da cruz: Miragaia (Porto), Castelo Branco e Águas Santas (norte do Porto). Segundo a tradição, nesse local terá brotado uma fonte denominada «santa» atendendo aos efeitos milagrosos das suas águas que beneficiavam a todos quantos a ela acorriam em cura das suas enfermidades.⁹

Por fim, a tradição refere que Santa Eufémia viveu durante cerca de dois anos nas serras do Gerês e, no fim desse tempo, foi perseguida por ser cristã. Depois de ter sofrido maus tratos, foi lançada na prisão. Aí recebe a visita de um anjo que a cura de forma milagrosa de todas as suas feridas. Padeceu, então, novos suplícios, no fim dos quais foi degolada, estando as suas relíquias na Sé de Ourense.¹⁰

Quanto a Santa Quitéria, podemos dizer que foi presa e conduzida à presença de seu pai, o qual tentou, uma vez mais, demovê-la de professar a fé cristã. Deu-lhe também a notícia de que tinha sido prometida em casamento a Germano, um nobre rico. Quitéria pede ao pai um tempo para pensar. O seu anjo custódio aconselhou-a a refugiar-se no Monte Pombeiro, no cimo do qual se erguia uma pequena capela dedicada a São Pedro, nas imediações de uma cidade denominada Eufrásia, destruída nas invasões dos Mouros e que era governada por Lenciano (ou Leuciano), feroz perseguidor de cristãos. Lenciano, tendo descoberto o refúgio de Santa Quitéria e das demais donzelas que a ela se tinham juntado a fim de viverem em comunidade cristã, prendeu-as e informou o pai sobre o seu paradeiro.¹¹ Estiveram na prisão três dias sem receberem qualquer alimento. Durante o tempo de

⁸ *Ibidem*.

⁹ Citado a partir de LEITE, José, S. J. (org.) – *Santos de cada dia II*, p. 165.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Cf. NUNES, Pinho Pe. – *Vida de Santa Quitéria*, p. 18.

cativeiro foram confortadas por um anjo e observaram-se situações inesperadas: os guardas foram convertidos ao cristianismo pela instrução recebida, enquanto alguns doentes obtiveram a cura dos seus males. Entre estes últimos se insere a iconografia do doente de raiva curado por Santa Quitéria, tal como é representado no Quinto Passo do Santuário de Santa Quitéria, em Felgueiras.

Lúcio Severo enviou então emissários para convencerem a sua filha a aceitar o seu casamento com Germano. Todavia, a decisão da jovem não se alterou. Germano, acompanhado de vários soldados, vai ao seu encontro com ordens para a matar. Ele mesmo, na manhã do dia 22 do ano de 135, tomou a espada e decapitou Santa Quitéria que, assim, se tornou a primeira mártir em terra que depois viria a ser portuguesa. Diz a tradição que, no local do martírio, brotou uma fonte e que os soldados e o próprio Germano ficaram cegos, enquanto Lenciano, entretanto convertido, tal como as donzelas da comunidade de Santa Quitéria, bem como outros cristãos foram martirizados naquele monte e sepultados junto da capela de São Pedro. Talvez este relato venha justificar as dezenas de sepulturas com imensas ossadas que foram encontradas no local quando foi escavado a fim de construir as fundações da actual igreja.¹²

Santa Quitéria é invocada pelos devotos contra a raiva, a mordedura dos cães raivosos e a loucura, sendo-lhe, igualmente, atribuída a ajuda para que as crianças que apresentavam atrasos no andar pudessem começar a caminhar.

Por sua vez, Jorge Cardoso, no *Agiológio Lusitano*, não recorre a uma descrição tão por-menorizada, mas inclui alguns detalhes que são relevantes para a compreensão da iconografia de Santa Quitéria. No que se refere à infância das nove irmãs, apenas dá a indicação que, tendo sido salvas da morte prematura, enquanto recém-nascidas, tiveram que se ausentar de sua casa para fugirem à perseguição que os romanos fizeram, dispersando-se por diversas partes do mundo, dispostas a darem a vida por Cristo. Os seus perseguidores apenas conseguiram prender Quitéria. Levada à presença de seu pai, este tentou dissuadi-la de professar a sua fé. Como nada conseguia e, para não perder a sua filha como tinha acontecido com as restantes, permitiu que se retirasse para o monte e vivesse de acordo com a sua fé. Aí era continuamente visitada por anjos que a sustentavam na graça divina. Porém, a maldade de certos pagãos levantou suspeitas sobre os honestos fins deste retiro. Tais calúnias chegaram aos ouvidos do pai que a chamou para pedir explicações. Santa Quitéria respondeu de forma satisfatória, pelo que o seu pai permitiu que continuasse a viver como até então. Foi nessa altura que lhe apareceu um anjo que lhe disse ter “chegado o tempo de imitar as suas irmãs e seguir por rigoroso martírio, o louvável exemplo que

¹² *Ibidem*, p. 22.

elas lhe deixaram.”¹³ A notícia deixou a jovem muito satisfeita e, regressada a casa, encontrou dois pretendentes de linhagem real que a queriam como esposa. O pai, vendo que qualquer deles seria um bom partido, destinou-lhe Germano para seu esposo. O *Agiólogo Lusitano* esclarece que Santa Quitéria tinha consagrado a sua virgindade a Cristo, pelo que pediu algum tempo para deliberar. A negação da proposta valeu-lhe a prisão, na qual lhe apareceu um anjo a consolá-la bem como a própria Virgem Maria que sobre ela derramou um vaso de odoríferos perfumes e lhe deu uma cruz dizendo que triunfaria com ela dos três inimigos da alma: o mundo, o diabo e a carne. Depois colocou-lhe um anel no dedo em sinal dos seus desposórios espirituais e assegurou-lhe que conservaria, durante a sua vida, a jóia da pureza. Prometeu-lhe ainda que os molestados pela raiva ou o furor, tanto que invocassem o seu patrocínio, alcançariam a perfeita saúde.¹⁴

Ausentando-se a Virgem Maria, imediatamente surgiu um anjo que a tirou do cárcere e lhe disse que a acompanharia até ao monte onde Deus lhe tinha guardado a palma do martírio. No silêncio da noite e acompanhada de outras donzelas, subiu ao monte onde se encontrava a ermida de São Pedro. Seu pai entristeceu-se quando soube da sua partida e mais mágoa ainda sentiu Germano que a pretendia ter por esposa. Ordenou, então, aos seus criados que fossem atrás dela e quando a encontrassem a persuadissem a regressar a fim de contrair matrimónio com Germano. Sabendo das intenções de Germano, Quitéria responde aos criados: “Dizei a meu pai que não me é licito receber a homem na terra por esposo, quando tenho ao Rei do Céu, a quem amo de todo o coração, e Ele me ama tanto, que chegou a dar a vida por meu respeito, no sagrado Lenho da Cruz”. Esta resposta tem a sua representação iconográfica no Sexto Passo da vida de Santa Quitéria, tal como é apresentada no Santuário, em Felgueiras, no qual se pode ver a jovem com um pergaminho na mão esquerda enquanto a direita se ergue em sinal de quem está em posse da palavra. No pergaminho pode ler-se «O meu esposo é Jesus». Torna-se, pois, clara a opção de Quitéria em permanecer fiel ao seu desposório espiritual com Jesus, a quem entregara a sua virgindade. De novo Quitéria voltou a ser presa, desta vez por ordem de Lenciano, senhor daquele monte que a manteve no cárcere, juntamente com os restantes companheiros, durante três dias sem lhes fornecer qualquer tipo de alimento. Apenas receberam o alimento espiritual proporcionado pela palavra divina que animava Quitéria e a todos para receberem o martírio. Foi então que, à meia-noite, quando todos se encontravam em oração, desceu do Céu um resplendor luminoso que afastou as trevas do cárcere, quebrou

¹³ CARDOSO, Jorge – *Agiólogo Lusitano*. Edição fac-similada do original de 1666. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, vol. III, p. 355.

¹⁴ *Ibidem*, pp. 355-356.

as cadeias dos prisioneiros e abriu as portas da cela, acontecimentos que motivaram a conversão e o baptismo das sentinelas.

Estas notícias chegaram rapidamente aos ouvidos de Lenciano que, tomando-os como resultantes do poder do demónio, se dirigiu à prisão para lhes tirar a vida. Valeu-lhes uma intervenção divina que paralisou Lenciano e lhe incapacitou os sentidos, deixando-o como “um tronco insensível”. Foi nesse estado que o apresentaram diante de Santa Quitéria que o curou de todos os males, por virtude do Altíssimo, fazendo sobre ele o sinal da cruz, depois de uma oração.¹⁵ Foi assim que converteu Lenciano, o qual, reconhecendo as suas más atitudes para com os cristãos, restituiu às igrejas e aos cristãos todos os tesouros que deles tinha usurpado. Com este gesto viu aprovada a sua conversão pelas palavras da própria Quitéria, que lhe garantiu estar Deus e os seus Anjos rejubilando de alegria. Salienta-se o facto de o tema da conversão de Lenciano se encontrar representado no Quarto Passo do Santuário de Santa Quitéria.

Por esses dias, Germano chegou ao monte acompanhado de gente resolvida a descobrir e a matar Santa Quitéria. Não a tendo encontrado de imediato, dispersaram-se os seus perseguidores para mais rapidamente a encontrarem. Quem deu com ela foi Dumano, um cristão que tinha apostatado a fé cristã. Jorge Cardoso relata do seguinte modo o martírio de Quitéria:

E dizendo ella que eísta estava prestes para o sacrificio, offereceo a garganta ao cutello, & de hum golpe foi descabeçada, caindo o copo para hua parte, & a cabeça para a outra. Baixarão logo do Ceo muitos spiritus Angélicos, a cantarem-lhe a galla da victoria, os quaes lhe disserão: *Levante Quitéria, toma nas mãos tua cabeça, & vamos ao lugar deputado para tua sepultura.* A Sancta, como se estivera viva, o fez assi, levandoa distancia de 72 estadios (que são mais de duas legoas) até a Ermida de S. Pedro onde a enterrarão com hymnus, & cânticos celestiais.¹⁶

No comentário que Jorge Cardoso faz após concluir o relato da vida de Santa Quitéria, esclarece determinados aspectos que são confirmados por outras biografias. Assim, refere que o seu pai era régulo e senhor de Braga, embora tivesse a sua corte em Belcagia, actual Bayona. Conclui também que Santa Quitéria era efectivamente portuguesa, tal como seus pais, e não francesa, como outros autores pretendem. Refere ainda o dia 22 de Maio do ano 130 como sendo a data do martírio de Santa Quitéria. Esclarece o facto de os castelhanos invocarem Santa Quitéria contra as angústias do coração e mordeduras de cães raivosos, o mesmo sucedendo com os portugueses. E cita o caso do aparecimento da imagem de

¹⁵ *Ibidem*, p. 357.

¹⁶ *Ibidem*, p. 359.

Santa Quitéria em Meca, no termo de Alenquer, por intermédio da qual se realizam inúmeros milagres, tanto nos enfermos, como nos cães danados, pois estes dando-lhes pão molhado no azeite de sua lâmpada ficam visivelmente sarados.

Em seguida sublinha o aparecimento milagroso da imagem de Santa Quitéria de Meca. Segundo a tradição, a imagem foi encontrada por alguns pastores que viram ao longe, sobre um espinheiro, uma grande luz. Quando chegaram perto, verificaram que a clareza saía de uma formosa imagem de Santa Quitéria, identificada por meio de um letreiro. Avisado o prior, este seguiu com mais clero e o povo em direcção ao local e trouxeram a santa em grande festa para a igreja. Todavia, de forma milagrosa, a imagem voltou para o local do seu aparecimento, o que foi entendido por todos como a expressão da ordem divina de se construir naquele local uma igreja, a qual, depois de muitos anos, por ameaçar ruir, foi reedificada no ano de 1569. Diz a lenda que, enquanto todo o Portugal era consumido pela peste, naquela região ninguém ficou doente, facto que é atribuído à intercessão miraculosa de Santa Quitéria.¹⁷

Para terminar referimos a indicação de Jorge Cardoso que enumera os livros que tratam de Santa Quitéria. Entre eles destacamos os Martirológios Romano, Galicano, Lusitano, Castelhana e Hispânico, os Breviários de Toledo, Compostela, Granada, Palência, Pamplona Valência, Cuenca, Sigüenza, Saragoça e Braga. Surge também nos *Flos Sanctorum* de Veja, Marieta, Emilliano e Villegas, todos no mesmo dia.¹⁸

Culto

O principal centro de culto de Santa Quitéria situa-se, como referimos, na região francesa da Aquitânia, mais precisamente na localidade de Aire-sur-l'Adour, povoação classificada pela Unesco como património mundial e que se encontra num dos «Caminho de Santiago». Segundo a tradição, a igreja foi construída no local do martírio de Santa Quitéria, e ali se conservam as suas relíquias, bem como o sarcófago e a fonte que brotou no local da sua decapitação. Apresentamos, na Figura 1 (p. seguinte), a imagem de Santa Quitéria venerada em Aire-sur-l'Adour. O culto desta jovem mártir também se verifica noutras localidades francesas como Bordéus, Tours e Marselha e na diocese de Rouen, na Normandia.

Por sua vez, em Espanha, o culto a Santa Quitéria foi introduzido no século XII pelo bispo de Sigüenza, Bernardo de Agén (1121-1152), que a converteu em padroeira da sua sede episcopal. Também é venerada noutros locais como Zaragoza, Tarragona, Palencia, Toledo, Aragón,

¹⁷ *Ibidem*, p. 369.

¹⁸ *Ibidem*, p. 370.



1. *Santa Quitéria*. Aire-sur-l'Adour (França).



2. *Santa Quitéria*. Sorihuela del Guadalimar (Espanha).



3. *Santa Quitéria*. Paróquia de Boaventura, Funchal.

Palma de Maiorca e Alcázar de San Juan, bem como em Sorihuela del Guadalimar (Jaén) que tem Santa Quitéria como co-padroeira e da qual apresentamos uma imagem (*Fig. 2*).

O Brasil, decerto por influências lusitanas, tem em certas localidades um especial apreço por Santa Quitéria. Assim, para citar alguns exemplos, referimos a existência da micro-região de Santa Quitéria e da cidade com o mesmo nome, fundada em 1856, no estado de Ceará; o rio de Santa Quitéria, que nasce no estado do Paraná; a paróquia de Santa Quitéria em Curitiba; a cidade de Santa Quitéria do estado do Maranhão, fundada em 1935, que possui um clube de futebol significativamente designado por «Santa Quitéria Futebol Clube».

Em Portugal, o culto a Santa Quitéria começa a manifestar-se no início do século XVI e, embora, como acima referimos, não seja das figuras hagiográficas mais conhecidas, a veneração desta jovem mártir está difundida um pouco por todo o país e mesmo nas regiões autónomas. O culto não tem expressão tão ampla como sucede com outros santos, permanecendo mais localizado em certas dioceses (como Évora, Coimbra ou Porto) ou, em particular, em certas paróquias. De facto, se iniciarmos pela ilha da Madeira, verificamos que Santa Quitéria deu nome a várias capelas em diversas freguesias ao longo da história, como seja Curral das Freiras, Calheta e Madalena do Mar. Além disso, Santa Quitéria é orago na paróquia de Boaventura, no Funchal (*Fig. 3*), cuja igreja foi construída em 1731 e remodelada em 1835, sendo fixada nela a sede da paróquia criada em 1836. Nesta paróquia, as festas de Santa Quitéria realizam-se no quarto domingo do mês de Maio.

Também no Funchal, o Colégio e a igreja de São João Evangelista, outrora pertencente à Companhia de Jesus e permanecendo como o maior conjunto edificado no Funchal até ao século XIX, possui, do lado do Evangelho, uma capela dedicada a Santa Quitéria.

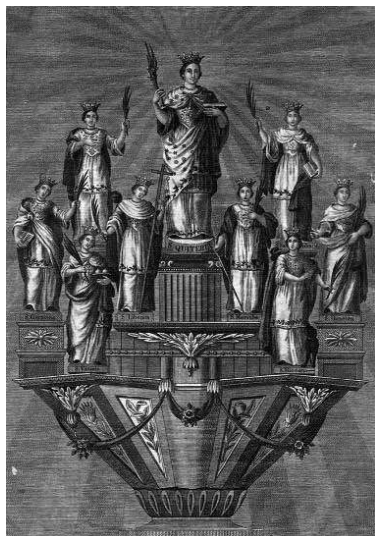
Há celebrações anuais de Santa Quitéria em Silveirinho (Penacova), em Quintiães (Barcelos) e em Ferrel. É por demais conhecido o antiquíssimo culto a Santa Quitéria em Meca, freguesia do concelho de Alenquer, com uma romaria anual que tem lugar no primeiro domingo depois do dia 22 de Maio. A romaria baseia-se na citada lenda da imagem de Santa Quitéria com poderes milagrosos que apareceu num espinheiro, em 1238, na quinta de São Brás, perto de Meca, povoação onde hoje se ergue uma imponente basílica cuja construção, de meados do século XVIII, se deve à Confraria de Santa Quitéria, que beneficiou da protecção da rainha D. Maria I.

De referir, também, a capela de Santa Quitéria, antiga sinagoga, em Vila Nova de Foz Côa. E, por fim, aludimos ao Santuário de Santa Quitéria, no antigo monte Pombeiro, em Felgueiras, construído em 1719 no mesmo local onde outrora se encontrava uma capelinha dedicada a São Pedro.

Do culto a esta santa fazem parte as festas, romarias e procissões, mas também novenas e outras orações que lhe são dirigidas pedindo a sua intercessão contra a loucura e a mordedura de animais raivosos. Esta invocação em particular fica a dever-se, entre os factores já referidos, também ao facto de se acreditar que, enquanto vivia, a sua presença amainava a ira dos cães raivosos. Por este motivo, em algumas das suas representações surge acompanhada por um ou mais cães como indicação desta sua protecção.

Iconografia

Embora as representações de Santa Quitéria não sejam muito frequentes, nem muito variados os seus atributos, elas são conhecidas sobretudo nos locais onde a tradição consagrou as festas religiosas em honra da jovem mártir, locais esses onde pudemos encontrar diversas imagens. Assim, entre outras, salientamos a da paróquia de Santa Quitéria em Curitiba, no Brasil; a da igreja de Santa Quitéria em Aire-sur-l'Adour (*Fig. 1*); a de Sorihuela del Guadalimar (Jaén, Espanha, *Fig. 2*), na qual se pode apreciar a presença de um cão junto aos pés da santa; a pequena escultura do século XVIII que se encontra no Palácio Nacional de Sintra, cujo atributo é unicamente um livro; a da paróquia de Boaventura, no Funchal (*Fig. 3*); os medalhões com as pinturas do tecto da basílica de Santa Quitéria, em Meca; a gravura do conjunto das nove irmãs, outrora veneradas no Colégio de São Lourenço, dos Religiosos Agostinhos Descalços do Porto (*Fig. 4, p. seguinte*); o grupo escultórico das nove irmãs que se encontra na capela do Castelo de Póvoa de Lanhoso; o da Igreja do Seminário



4. Santa Quitéria e suas oito irmãs. Gravura.



5. Santa Quitéria e suas oito irmãs.
Felgueiras, Santuário de Santa Quitéria.

Maior do Porto, bem como o que ornamenta o pequeno retábulo da capela do lado da Epístola, no Santuário de Santa Quitéria, em Felgueiras (Fig. 5), ao qual faremos referência de forma mais detalhada.

Em certas manifestações iconográficas Santa Quitéria é representada tendo, como atributos, a palma, que a identifica como mártir, ou um ramo de açucenas, sinal da sua pureza, um livro aludindo ao Santo Evangelho pelo qual entregou a sua vida e uma coroa de rosas, símbolo da glória. Assim se verifica, por exemplo, nas imagens supracitadas da paróquia de Santa Quitéria, em Curitiba, na igreja de Aire-sur-l'Adour, bem como no coroamento do conjunto escultórico de Felgueiras que ilustramos na Figura 6. Estes atributos são demasiado generalistas e característicos de muitos outros santos mártires, além de Santa Quitéria, que, deste modo, deles assim não se consegue diferenciar.

Todavia, alguns episódios da sua vida, a que acima fizemos referência, deram origem a uma iconografia mais variada e a atributos específicos que permitem uma identificação mais rigorosa.

Assim, o episódio hagiográfico em que se refere o facto de que, depois de ser decapitada, pegou na sua cabeça e se encaminhou para a cripta da igreja onde iria ser sepultada, motivou a representação da jovem com sua própria cabeça cortada segura nas mãos tal



6. *Santa Quitéria.* Felgueiras, Santuário de Santa Quitéria.



10. *Santa Quitéria martirizada segura a cabeça.* Felgueiras, Capela 8 do Santuário de Santa Quitéria.

como podemos ver numa imagem pertencente ao arquivo do Santuário de Santa Quitéria, de Felgueiras, representação esta que se verifica, igualmente, no conjunto escultórico da última capela do percurso que os peregrinos realizam no mesmo Santuário e na qual se regista o oitavo passo da vida de Santa Quitéria (*Fig. 10*).

Por sua vez, os relatos alusivos ao apaziguamento de cães raivosos, ou à cura milagrosa das feridas que eles causaram, embora diferenciando um pouco nos pormenores, coincidem no essencial e justificam a invocação que se faz de Santa Quitéria como advogada contra a mordedura de cães raivosos. Assim se compreende a representação de um ou mais cães, colocados aos seus pés e presos com uma corrente e, por vezes, com a língua de fora, indicando estarem afectados pela raiva.

Atendendo aos episódios iniciais da sua vida, relacionados com as suas irmãs, Santa Quitéria costuma ser representada juntamente com elas. Deste modo, ao falarmos da iconografia de Santa Quitéria impõe-se, naturalmente, referir também a das suas oito irmãs, bem como a do Arcebispo Santo Ovídio e da criada Cita, figuras fundamentais nos primeiros anos da sua existência e da sua formação cristã.



7. *Santo Ovídio, Arcebispo de Braga.*
Felgueiras, Santuário de Santa Quitéria.



8. *A criada Cita.* Felgueiras, Santuário de Santa Quitéria.

Assim, tomando como elementos de referência a gravura do Colégio de São Lourenço (Fig. 4) e o belíssimo conjunto escultórico do Santuário de Felgueiras, onde são representadas as nove irmãs (Fig. 5), juntamente com o Arcebispo e Cita, passaremos a descrever, de forma sucinta, cada uma das figuras fazendo uma referência particular aos respectivos atributos.

Começando por Santo Ovídio (Fig. 7), podemos apreciar as suas vestes eclesiásticas, a mitra e o báculo que ostenta na mão esquerda, enquanto a direita segura um gomil de cerâmica numa clara alusão ao facto de ter ministrado o sacramento do baptismo às nove irmãs. Quanto à jovem criada Cita, devido ao facto de ter salvo de uma morte certa as crianças recém-nascidas, transportando-as para casa do Arcebispo, surge representada com um berço, como atributo mais singular (Fig. 8). Além disso, possui na mão direita a palma do martírio e ostenta ricas vestes romanas, o que não se enquadra com a sua condição de empregada, situação que ocupava em casa de Cácia Lúcia.

No que se refere às irmãs de Santa Quitéria, baseando-nos em certos pormenores da sua hagiografia, supracitados, podemos compreender certas características da respectiva iconografia. Assim, na representação de Santa Marinha, a jovem mártir possui como atributos a palma do martírio e a espada, instrumento alusivo à sua decapitação. Por sua vez, a ico-

nografia de Santa Vitória coloca-lhe, na mão direita, a palma e na esquerda uma bandeja, sobre a qual se encontram dois seios. Neste aspecto particular, poderá ter havido alguma confusão iconográfica com sua irmã, Santa Marinha, a qual sofreu, efectivamente, queimaduras no peito causadas por um ferro incandescente.¹⁹

No conjunto escultórico a que nos temos referido, Santa Genebra possui, como atributos, a palma e um cutelo, sem que sejam conhecidos pormenores do seu martírio que justifiquem a representação de tal instrumento. O pouco que se conhece sobre Santa Marciana também não permite esclarecer o facto de se encontrar representada, no Santuário de Felgueiras, com a espada na mão direita, embora se compreenda a figuração do livro na esquerda.

Por sua vez, Santa Liberata, devido ao facto de, segundo a tradição, ter sofrido o suplício da cruz, pode estar representada com os braços em cruz, como se estivesse crucificada ou, em alternância, sustentar a cruz numa das mãos, enquanto na outra apresenta a palma do martírio, tal como se verifica na gravura e no conjunto escultórico de Felgueiras.

A espada, como instrumento do martírio de Santa Eufémia, é um dos seus atributos, juntamente com a palma, como sucede com outras das suas irmãs.

Para concluir, impõe-se uma alusão aos oito passos da vida de Santa Quitéria, representados, no Santuário de Felgueiras, por meio de outras tantas encenações, que podem ser seguidos percorrendo as oito capelas quadrangulares, dispostas ao longo do monte e unidas entre si por um caminho, em terra batida, íngreme e sinuoso que tem início junto da povoação e termina diante do Santuário, junto da escadaria que lhe dá acesso. Ainda que as imagens, bem como todo o cenário e os demais elementos envolventes, possam não ser detentoras de uma grandiosa qualidade e valor artístico, constituem, em termos iconográficos, um registo importante e relativamente raro sobre a vida de Santa Quitéria, motivo pelo qual importa ser referido e salientado.

Assim, o Primeiro Passo refere-se ao episódio em que a criada Cita salva as crianças do fim cruel a que sua mãe as tinha destinado e tem como legenda a seguinte inscrição: “A criada S.^a Zita apresenta S.^a Quitéria ao arcebispo de Braga, Sto. Ovídio, que a baptiza e manda educar assim como às 8 irmãs.”²⁰ Tendo como pano de fundo a Sé Catedral de Braga, a figura de Santo Ovídio, ostentando batina e pálio, de braços abertos, recebe Quitéria, ainda bebé, que se encontra nos braços de Cita que veste de forma singela.

No Segundo Passo a inscrição “S.^a Zita é incumbida da educação de Santa Quitéria” esclarece o motivo da cena na qual podemos ver a jovem Quitéria, ainda em idade infantil, com um livro nas mãos, em sinal da sua capacidade de ler. Está acompanhada de uma

¹⁹ Cf. LEITE, José, S. J. (org.) – *Santos de cada dia II*, p. 164.

²⁰ Regista-se alguma confusão entre o nome de Cita, que é o mais vulgarizado para a jovem que salvou as nove irmãs (século II), e a figura de Santa Zita (1218-1278).

figura feminina adulta que pretenderá representar Cita. Ambas se encontram diante de um cenário que mostra uma ampla sala avarandada, com vistas para uma paisagem verdejante. Numa figuração anacrónica, podemos observar diversos instrumentos musicais e partituras numa alusão à esmerada educação recebida por Santa Quitéria.

No Terceiro Passo ilustra-se o episódio em que «Um anjo anuncia a S.^a Quitéria a retirada da casa paterna para o monte Pombeiro». A cena decorre no pátio do palácio de Lúcio Severo, estando a jovem adolescente vestida de túnica, sobretúnica, manto e véu sobre a cabeça, enquanto o anjo, de asas baixas e túnica verde, situado a maior altura e de expressão serena, ergue a mão direita em sua direcção.

O Quarto Passo constitui uma alusão à conversão de Lenciano, podendo ler-se na inscrição: «S.^a Quitéria converte Lenciano, régulo de Eufrásia, vulgo Sergude». Diante do palácio do governador, Quitéria, envergando vestes idênticas à do passo anterior, segura uma cruz na mão esquerda, enquanto ergue a direita apontando para o alto. A figuração da cruz poderá ter a sua origem no relato de Jorge Cardoso, acima referido, no qual se afirma que, tendo a Virgem Maria visitado Quitéria quando esta se encontrava na prisão e antes da conversão de Lenciano, lhe entregou uma cruz dizendo que com ela triunfaria dos três inimigos da alma: o mundo, o diabo e a carne.

Por sua vez, o governador, vestindo túnica e manto, de grandes barbas grisalhas e ostentando uma coroa na cabeça, com as mãos postas ergue os olhos ao alto, mostrando assim o reconhecimento de Deus como seu Senhor. O Quinto Passo está identificado pela legenda: «Santa Quitéria, na prisão, cura um hidrófobo».²¹ Esta representação alude à intercessão milagrosa de Santa Quitéria na cura da raiva. De facto, o homem que, como a jovem, se encontrava na prisão, tal como pretende indicar as paredes de pedra do cenário, apresenta algumas feridas nos membros superiores, sobre as quais Santa Quitéria derrama um unguento a partir de um pequeno gomil metálico.

No Sexto Passo «S.^a Quitéria recebe o embaixador, com a proposta de casamento, que rejeita». Num ambiente natural, com uma floresta ao fundo, um jovem nobre, ricamente vestido e de olhar baixo, parece ter ficado desapontado com a resposta dada pela jovem à sua proposta de casamento. De facto, Santa Quitéria, que, como vimos, tinha consagrado a sua virgindade a Deus e tinha celebrado com Jesus os esponsais místicos, volta as costas ao jovem pretendente e apresenta um pergaminho desenrolado, que segura com a mão esquerda e no qual se pode ler: «O meu esposo é Jesus». Com a mão direita erguida, aponta para o alto, confirmando esta sua firme decisão (Fig. 9).

²¹ O vocábulo *hidrofobia* é uma designação imprópria, mas vulgarizada para a doença da raiva.

Esta tomada de posição valeu-lhe, como sabemos, o martírio. Por isso, o Sétimo Passo, identificado pela legenda: «S.^a Quitéria prestes a ser degolada por Germano, seu pretendente», ilustra o seu martírio, por degolação. Tendo como pano de fundo uma floresta na qual se agita o cavalo branco de Germano, como se tivesse consciência da tragédia que estava para acontecer, a jovem Quitéria, ajoelhada no chão e de mãos postas, ergue os olhos ao alto, em oração. O facto de se encontrar representada nesta atitude orante ilustra o que acima foi referido quando apresentámos a lenda mais conhecida em Espanha. Confiante na glória que a aguarda junto de Deus, não oferece qualquer resistência e entrega a sua vida na fidelidade ao seu Senhor. Germano, vestido como soldado romano, agitado e de olhos crispados postos na jovem, ergue bem ao alto a espada com a qual desferrará o golpe fatal.



9. Santa Quitéria com o pergaminho. Felgueiras, Capela 6 do Santuário de Santa Quitéria.

Por fim, o Oitavo Passo ilustra a lenda que se transcreve na pedra colocada no local: “S.^a Quitéria, decapitada, um anjo a coroa-la; e ela com a cabeça nas mãos recolhe à ermida ‘há muito transformada em seu majestoso santuário’”. O cenário remete-nos para o cimo do antigo monte Pombeiro, um terreno verdejante semeado de frondosas árvores, por entre as quais se vislumbra a mancha branca do corpo central do santuário, de forma octogonal. O anjo que acompanha Santa Quitéria representa o que nos relatos hagiográficos ordena à jovem martirizada que pegue na sua cabeça e se dirija para a igreja onde descansará definitivamente. Com túnica verde, asas baixas, agita os braços como quem se encontra em posse da palavra, dando indicações. Por sua vez, Santa Quitéria segura nas mãos a cabeça degolada enquanto do pescoço escorre sangue resultante do recente martírio.

Desta forma simples, visualmente atractiva e apelando ao essencial da vida de Santa Quitéria, o culto que os fiéis lhe dedicam torna-se quase tangível, recordando o valor, a coragem e a fé de uma jovem que, como muitas outras, preferiu dar a vida a fim de manter intacta a sua consagração a Jesus, o único que queria para seu esposo. Através do exemplo de vida cristã, das orações, festividades e da sua intercessão, na busca da saúde ou da protecção, se apela à integridade e ao fortalecimento da fé em Cristo, fim único do culto dos santos e santas e da sua representação iconográfica.

Bibliografia

- ASCENSAM, Bento da, Fr. *Vida, e martyrio da insigne virgem, e martyr prodigioza Santa Quitéria, serenissima Infante de Portugal, no Monte de Pombeyro*. Lisboa: Off. Ferreyriana, 1722.
- CARDOSO, Jorge. *Agiológio Lusitano*. Edição fac-similada do original de 1666. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, vol. III.
- ENCICLOPÉDIA DEI SANTI. *Bibliotheca Sanctorum*. III Ristampa. Roma: Città Nuova Edirice 1998, vol. X.
- FERRANDO ROIG, Juan. *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones Ómega, S.A., 1950.
- LEITE, José, S. J. (org.). *Santos de cada dia II*. 4.ª edição. Braga: Editorial A. O., 2003.
- LUIS REPETTO, José. *Todos los santos. Santos y beatos del Martirologio Romano*. Madrid: BAC, 2007.
- MARTYROLOGIO ROMANO acomodado a todos os dias do anno conforme à nova ordem do calendario, que se reformou por mandado do papa Gregório XIII. Coimbra: Casa de António Maris, Impressor da Universidade, 1591.
- MARTYROLOGIO ROMANO dado à luz por mandado do Papa Gregório XIII. E novamente accrescentado por autoridade do Papa Clemente X. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1748.
- MARTYROLOGIUM ROMANUM. *Ex decreto sacrosancti oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgatum*. Editio Altera. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.
- NUNES, Pinho Pe. *Vida de Santa Quitéria*. [s.l.]: Edição da Casa da Confraria, [s.d.].
- RÉAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano. Iconografía de los santos*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000, tomo 2, vol. 5.